



Problema de Coluna

Ivan Moraes Filho



O visto e o não visto

Conseguir um visto para os Estados Unidos nunca foi fácil. Pode perguntar pro bando de gente que já saiu chorando de vários consulados pelo mundo afora. Depois que Osama (ou quem quer que seja) botou quente e levou fervendo, o que já não era careta ficou mais punk ainda. Se você tá pensando em bater na porta da embaixada em busca de um carimbo que garante o acesso à terra dos Bush, não custa nada saber o que terá pela frente.

Primeiro o incauto visitante chega lá na casa do cônsul. Bate na porta e é recebido por um segurança de uns dois metros e voz grossa. Mulato, brasileiro. Mas a delicadeza é de gringo do interior. “Não posso dar informação alguma”. “Quem pode?” “Ninguém. Tem que ler os cartazes”. Eis que você se dá conta que está num cubículo desses que os bancos botam na porta pra checar por metais. Ao redor, várias placas tentam (e não conseguem) explicar como preencher o formulário que está em cima de uma mesa. “O velho formulário não vale mais”. Isso eu entendi beleza.

“Para informações ligue XXXX XXXX”, mas não adianta pegar o celular que o porteiro não deixa usar. Também não adianta telefonar de casa, porque a figura que atende consegue ser mais grossa e fria que as palavras na parede.

No antigo questionário, havia apenas algumas perguntas leves, do tipo “você já cometeu genocídio?” “Você odeia os Estados Unidos?”, “Você já perseguiu americanos ou já fez parte do partido nazista alemão?” O novo, atualizado, quer saber se você pertence a algum grupo terrorista ou pretende entrar nos país para destruir propriedade pública ou matar alguém. Não é brincadeira! A parada é tão explícita que a vontade de responder “sim” é assustadora. Bom, depois de tudo marcadinho, vai no banco, paga uma grana, amarra o comprovante e a ficha no passaporte (envelope não vale mais), volta lá e bota tudo num buraco. “Volte em 48 horas”, dizia o cartaz. Pessoas ainda não falam.

Dois dias depois. Finalmente você consegue entrar na casa e percebe que a fila parece aquela dança das cadeiras. Não deixam ficar em pé. Também não pode esperar no mesmo assento. Rodando, rodando. Caracol, caracol. De um por um, vão todos falar com uma moça por trás de um vidrinho. Uns saem feliz, de visto na mão e passagem comprada para a Disneylândia. Outros precisam voltar. Entrevista, que só pode ser marcada por telefone. Interurbano pra São Paulo. Vários números depois, a máquina fala com você. Diz o dia e hora da entrevista. E senha! Vai de novo no banco, deixa mais uns reais e volta no dia marcado. Com a senha na ponta da língua pra dizer ao guardião da porta. A grande sacada é se preparar.

Comprovantes bancários, documento do carro, contra cheques. Eles não querem saber se os documentos são falsos. Só querem ter a impressão de que você não precisa dos empregos deles. Dança das cadeiras, conversa mole, um pouco de intimidação e o veredito: “Está tudo certo, mas volte amanhã. Agora, tem mais uma taxa extra, porque teu visto não é de turista.” Engoli a vontade de mandar se fuder e voltei feliz, com o dinheiro no dia seguinte. “Não aceitamos cheques.” Porque será que eles são tão ricos?

Ivan Moraes Filho é escrevedor e está morrendo de frio

A capital do mundo

Adoro dizer que o lugar mais democrático do mundo é o Clube das Pás. Ricos, pobres, jovens e coroas se divertem bebendo Montilla e tomando conta do salão ao som de rumbas, boleros e outros ritmos que convidam à dança a dois. Em termos de ecletismo, porém, os bailes de Campo Grande ainda estão bem atrás do metrô de Noviorque.

Lá o sem-teto de roupa rasgada e barba grande sofre com a catanga no suvaco do executivo de Armani e Azarro. A dondoca que vai pra a boate de noite senta no mesmo banco do hippie rastafari, que pergunta ao guarda porto-riquenho quantas estações faltam até chegar no Soho.

Ninguém se entende. Afinal, ninguém fala inglês. Nem precisa entender. Cada um se respeita e se ignora de uma maneira tão interessante que dá vontade de botar a tal melancia na cabeça pra ver se alguém diz alguma coisa. Um galego fortão entrou com um pastor alemão enorme. Resuntado: ninguém deu atenção a nenhum dos dois cachorros.

A turma esperta leva alguma coisa pra passar o tempo. Pode ser um jornal que denuncia a nacionalidade do passageiro ou mesmo um livro, que tem várias utilidades, inclusive – pasmem – ler. Botar no rosto pra esconder a baba que já escorre pelo canto da boca é uma das mais populares, principalmente entre os adeptos dos percursos mais longos. Outro dia teve um cara que ficou dando pinta com uma das obras de Jung. As moçoilas universitárias ficaram ensandecidas com o bonitão intelectual. Outro severgonha abriu “The Alchimst” na frente de todo mundo. Perdoem, ele não sabe o que faz.

Moderno e obsoleto se fundem. Debaixo da terra, os treinzinhos percorrem quase todos os quilômetros da Grande Maçã. Um primor de tecnologia em logística, em que as mudanças dos finais de semana são anunciadas na dupla papel ofício/impressora jato de tinta e escondidas em algum lugar das estações. Procure direitinho ou conte com a sorte e com os anjos que guardam bêbados e crianças.

O mundo globalizado e aterrorizado se une nas subavenidas. Não ache estranho um judeu e um palestino trocando idéia e tentando chegar no “Ground Zero”, o “Marco Zero” cheio de nada onde antes ficavam aquelas duas torres que você viu cair. Enquanto se espera o vagão lotado, o sujeito se diverte com todo tipo de atração. Um negão cantando ópera, um menino espinheiro tocando country, um latino dançando salsa com uma boneca ou um japonês sentado numa cadeira enquanto um micro sistem toca um som oriental. O pagamento é opcional. Ver a caixa do espertalhão nipônico cheia de moedas faz a gente perceber que tem gosto pra tudo – até para nada.

Ivan Moraes Filho é escrevedor, mas poderia ser bem pior

Nós, estranhos comedores de carne

Como de costume, na Sexta-feira Santa, não comi carne. Mainha vai ficar contente quando souber que mantive a tradição católico-familiar. Dessa vez, porém, não me empanturrei de bacalhau nem detonei o camarão do chinês. Aqui onde eu tou, o peixe é ruim e caro. Vem de longe e não vale nem à pena comprar. Fui de arroz, umas verduras, paozinho com geléia... E não foi diferente de outros dias.

Tenho vivido uma situação engraçada. Eu, carnívoro, acostumado a conviver em ambientes carnívoros, amante apaixonado da picanha sangrando e do filé ao alho e olho, virei minoria num piscar de olhos. Das cerca de trinta pessoas que habitam a montanha na qual ando me escondendo, sou uma das poucas que come carne. Eu e o outro punhado de “estranhos” costumamos trocar olhares quando nos deparamos com o almoço – noventa por cento do que se come aqui é vegetariano.

Lembro com alguma nostalgia de algumas vezes que enchi o saco de meus velhos amigos que não comiam carne. “Porque?” “É tão gostoso!” “A vaca vai morrer de todo jeito!” “É melhor detonar esse lombinho agora do que ser atropelado amanhã de barriga vazia”. Chato de galochas, não os deixava em paz. Sentou na mesa tem que se alimentar de bichos mortos, de preferência acompanhado de algum carboidrato inútil ao organismo.

Embora eu não esteja proibido de me lançar nos prazeres do tecido muscular estirado de antigos seres vivos, começo a sentir uma certa vergonha em afirmar publicamente. “Você come carne?” “É... Assim... De vez em quando, né... ocasiões especiais”. Feito o cara que diz que bebe “socialmente”. Pra evitar o constrangimento, tou afins de começar um esquema de tráfico aqui nessas bandas. Imagino o diálogo.

“Tou com a mercadoria. Da boa”

“Hmmm, sei não...”

“Dá boa, velho! Linda, vermelhona, um centímetro de gordura. Na medida! O bife sai a dez”

“Porra, o preço tá foda...”

“Pensa que é fácil? Tive que enrolar direitinho. Entrou disfarçado de beringela”.

“Tudo bem... dá pra assar aqui?”

“Mi casa, su casa”.

Os donos do poder, devoradores de alface e cebolinha, nos respeitam com um desprezo ímpar. Adeptos de uma alimentação pra lá de saudável e politicamente correta, os comedores de tofu nunca me pararam para questionar minha preferência pelos cadáveres assados, guizados ou fritos.

Como se fossem infinitamente superiores (e o são), não tentam me convencer. Não ficam me lembrando que a carne demora mais de um dia para ser digerida nem empurram chuchu empanado ou lasanha de ricota no meu prato. O mais desesperador é que o hambúrguer de soja estava uma delícia. Onde é que esse mundo vai parar?

Ivan Moraes Filho é escrevedor e fã incondicional do Espetinhos Mimi

Trocando em miúdos

Alguém que se debruça em jornais, revistas, noticiários da televisão e a túia de informação que tem nessa tal de Internet corre sério risco de pensar que o mundo é um lugar complicado. Na verdade, tudo é muito simples, muito direto. Fácil, fácil. É assim:

Quando os homens da lei derrubam a porta de um barraco de favela e o morador é pego com uma nota de cem reais e um relógio Orient, o pau come. Afinal de contas, o moço só pode ser ladrão. Agora, se a polícia, munida com um mandado de busca, procura e encontra mais de um milhão numa gaveta do escritório de uma figura ilustre da política, é abuso de autoridade. Sacou?

Terrorista tem que ser um barbudo que maluco se explode num restaurante pensando em comer 300 virgens quando chegar no paraíso. Defender a soberania é quando o dono do restaurante manda um exército pra a cidade de onde o barbudo veio e manda bala pra cima, acertando os filhos do barbudo, os amigos dos filhos do barbudo e os caras que o barbudo conhece de vista. Nunca se vendeu tanta gilete.

Opinião pública é aquilo que os veículos de comunicação que detém a maior parte da audiência querem que você ache, para que possa comprar mais tênis da marca xis ou geladeiras da maraca ípilon. Opinião individual é aquilo que você pensa quando está tomando banho ou fazendo cocô e tem vergonha de dizer à galera porque acha que não é normal.

Maconheiro e cheira cola são os adolescentes pobres que utilizam-se de substâncias alucinógenas para esquecer a fome ou viajar um pouco. Jovens dependentes químicos são os adolescentes ricos que fumam e inalam as mesmas drogas para esquecer a chatice dos pais ou viajar um pouco.

Mentira é quando um marido diz pra a esposa que vai trabalhar até mais tarde e perde até as calças numa mesa de pôquer. Quando trata-se de um governo que esquece um pouco a verdade, o nome que se dá é estratégia política.

A vida é como uma caixa de chocolates, como disse nosso amigo Gump.

Ivan Moraes Filho escreve às cestas.

Separando briga de cego

Sugestão de título: Uma idéia revolucionária para se gritar "de faca não"

Ninguém aguenta mais ver o pau comendo no Oriente Médio. Quando não são os Estados Unidos bombardeando ruínas em busca de barbudos no Afeganistão, tem uns malucos que explodem carros em Israel. Aí, o doidão presidente do Estado Judeu se arreta e bota fervendo nos palestinos que encontra pela frente. Espalha o terror pelas ruas e deixa Arafat preso, escutando aquela conversa mole do cara do MST. Depois ninguém entende porque o Big Brother e a Casa do Seu Sílvio fazem tanto sucesso. Nos reality shows a turma saca que as brigas são de mentirinha.

O mais curioso é que antes desses últimos conflitos a gente tava até ouvindo uns boatos de paz. Um tal príncipe Abdulah reuniu-se com uns outros turbantes e chegaram a sinalizar uma proposta tão óbvia quanto interessante. Israel sai dos territórios invadidos, volta pra as fronteiras de 1967 e fica tudo limpeza.

Mas não teve shalom que fizesse Sharon engolir essa 'sugesta'. No lugar dele, também ficaria com um camelo atrás da orelha. A turma das bombas disse que não tem boquinha. Afinal de contas, passaram anos e anos treinando os meninos para fazerem os ataques suicidas. Parar agora faria a vida da garotada perder o sentido. Não ia ter revista playboy que desse conta do tesão acumulado na espera pelas tais 300 virgens.

No início, era a terra. Depois veio a grana e a ganância exacerbada disfarçada de medo que os israelitas têm de perder o que conquistaram com tanta luta. O caldo, porém, foi engrossando e ninguém sabe mais porque se odeia. É como aquelas brigas que tem no Sertão. Se você é Ferraz, mata os Novais porque sim. Porque teve um primo, um irmão que morreu na peixeira do inimigo. Motivo, não precisa mais.

Pois tem nego querendo botar muro separando a turma da estrela de Davi e os seguidores do Islam. Não dou dez dias pra quererem pipocar tudo de novo. Tenho uma idéia melhor. Mais inovadora. Revolucionária. Só não é modesta: vamos transferir Israel para o Iowa!

Pra quem não conhece, o Iowa é um estado americano que tem uma boa área (uns 88 mil km²) e pouquíssima população (quase 3 milhões). Ninguém nem ia reparar quando a gente separasse 20 mil km² pra botar os 6 milhões que hoje se acotovelam no Estado Judeu. A terra é boa e plana. Lá dá pra plantar muito milho e batata. Hoje, os israelitas só podem usar 17% do terreno pra plantar. O resto não presta. Tranqüilidade tem de sobra. Lá não acontece nada. Bomba, só no Quatro de Julho. A novidade seria fantástica para o turismo local. Já pensou as placas no período de implantação? "Breve, aqui: Israel".

Pra os Jacós, Davis e Saras que estão espalhados pelo mundo, tudo ficaria mais fácil. "Vá para Israel e ganhe uma noite na Disneylândia!" Os que vendem jóias em Noviorque poderiam ir até de carro, comemorar o Hanukah e o Dia de Ação de Graças. Pense num sincretismo cultural!. Ah, não me venha com conversa de Terra Santa pra cima de mim que essa ninguém mais engole, tá? Cristo não nasceu em Des Moines, mas o padre me disse que Deus é onipresente - e eu acreditei.

Ivan Moraes Filho é escrevedor e acha que nesse banguê-banguê tá faltando mocinho

Pensando em nada

O desafio está lançado. Pense em nada. Não na palavra “nada”. Não no ato de nadar. Em nada. Coisa alguma. Vivendo o momento, sem interferência alguma da sua mente. Os zen ensinam que esse exercício é um grande passo em busca do divino, da tranquilidade, da paz total. Fui tentar.

Com um amigo, fui num centro budista e assisti a uma breve explicação do que fazer. Como sentar, como se portar numa sessão de meditação coletiva. Para onde olhar, como postar as mãos e o que fazer para literalmente espantar os pensamentos. Deveria tentar um mantra, que consistia nas frases “quem sou eu?” e “não saber”. Visto um robe daqueles que a gente vê nos monges e sou jogado numa sala onde todos estão olhando para a parede.

Uma almofadinha é minha casa pelos próximos trinta minutos. Devo esperar pelo mestre bater três vezes com uma tabiquinha na mão e tentar limpar minha mente até que ele bata novamente. Tac tac tac.

“Pensar em nada, pensar em nada. Quem sou eu, quem sou eu, quem sou eu. Não saber, não saber, não saber. Quem sou eu, quem sou eu, quem sou eu. Não saber, não saber, não saber. Eita, olha a rachadura na parede...Não saber, não saber, não saber...Aparece a imagem de Neusinha, que ia me levar pra meditar no Recife. Quem sou eu, não saber...Sai, Neusinha, deixa eu pensar em nada!

“Quem sou eu, não saber...Quanto tempo terá passado? Será que eu perdi a noção? Nossa, que silêncio...Nem olhei pra a menina aqui do lado. Será que ela é bonitinha? Será que ela está conseguindo pensar em nada? Quem sou eu, quem sou eu. Não saber, não saber. Quem sou eu, quem sou eu. Não saber, não saber...Eita! Tou conseguindo... Porra, quebrou, quebrou...Quem sou eu, não saber, quem sou saber, não eu....Complicou...

“Quanto tempo será que já passou? Ah!!! Podem ser três minutos, podem ser 15. Podem ser 20! Será que só falta um minuto? O que é um minuto? Não saber, não saber... Ái minhas costas...Nossa, que dor no joelho...Não saber, não saber, não saber...Quem sou eu, quem sou eu... E o tempo?? E o tempo?? Devo levantar agora?? As costas estão realmente doendo. Não saber, não saber...E se eu levantar e a meditação terminar? Vai todo mundo saber que eu não agüentei... E isso é importante? E o que é importante? Não saber, não saber... Será que eu estou pensando em nada? Ora, mas se eu estou pensando que estou pensando em nada, então estou pensando em alguma coisa. Merda!

“Trrrrriiiiiiiiiim!! Porra, caralho! Como é que alguém deixa o telefone ligado? Se é assim eu vou gritar...Grita não, grita não...Quem sou eu? Não saber, não saber...E o tempo? E o tempo? Será que o cara já bateu e eu não ouvi? Parece que eu estou aqui o dia inteiro. E se eu sou o único na sala, olhando para a parede?? Fiquei sozinho? Meu amigo foi embora? Não saber, não saber... E o tempo, e o tempo? Não saber, não saber...Quem sou eu, não saber, não saber...Quem sou eu, quem sou eu...não saber, não saber...”

Tac tac tac

“Eu acho que isso dá uma coluna...”

Ivan Moraes Filho é escrevedor e precisa tentar de novo.

Por fora e por dentro

Sutiã: procurando o outro lado da tal "beleza interior"

Adoramos corpos. Nossos e dos outros. Nós, do sexo masculino, gostamos de perceber que os bíceps estão mais desenvolvidos e poucas vezes nos abtemos de testar sorrisos diante do espelho. Nos agrada olhar para as fêmeas de nossa espécie tanto quanto elas nos deixam. Na praia, nos engasgamos com cerveja sempre que uma moça de pernas mais grossas passa à nossa frente. Curtimos a pele, bronzeada ou não. É bom de passar a mão, de beijar, de cheirar, de tudo.

As mulheres, por sua vez, sabem de cor o peso que têm, o diâmetro dos quadris e o tom do batom que melhor combina com os olhos. Fazem questão de olhar para a bunda dos homens e sabem que, por mais que se diga o contrário, o tamanho dos dedos é extremamente importante. Amamos. Idolatramos o que está por fora. Tanto quanto rejeitamos o nosso "eu interior".

Como não vemos beleza no que está por dentro? Dentro do nariz, por exemplo, aquela misturinha do muco com poeira, porque aquilo não é bonito? Conheço um cara que é fascinado por pé, um dos órgãos mais estranhos do corpo humano. Porque ele também não reconhece o valor de uma catotinha, principalmente quando vem quase sólida e rende bolinhas rigorosamente simétricas?

Cera de ouvido não é muito diferentes daqueles produtos que a gente usa pra limpar os móveis. Nem na consistência nem na cor. E a mesma galera que mete o dedo nos produtos de lustrar sapatos só falta desmaiar quando encara um cotonete de pontas cor-de-laranja.

E esperma? É mais nojento do que cola Tenaz porque? Interessante como a mesma substância que grudas as páginas de algumas revistas também não é usada para completar álbuns de figurinhas ou o trabalho da escola. Algum psicólogo, por favor me explique!

Cocô e xixi, tudo bem. Esse fedem e tal. Mas como explicar nossa ojeriza pelo cuspe? Ora, cuspe é cuspe. Vem de dentro. Da boa. Se você tiver comido chocolate antes, então, rola até aquele gostinho bom apesar da cor de café americano. Beijando na boca, a saliva vai de um lado pro outro sem nenhum problema. Agora, deixa um pouquinho escorrer pelo canto do lábio pra você ver. Capaz de a namorada te abandonar na mesa.

Tem gente que passa mal quando vê sangue. Se for de menstruação, então, a coisa até piora. Outros, como eu mesmo, não podem ver a foto de algum órgão interno. Acham a coisa mais nojenta do mundo. "Argh! Um rim!" Poisé, minha filha, você tem logo dois...

Ivan Moraes Filho é escrevedor e fã de Augusto dos Anjos

Medo e engessamento cerebral

Um pequeno rato fez minha amiga gritar e acendeu uma pergunta mais velha que os Titãs. Você tem medo de quê? Da morte? De cobra? Do ladrão ou da polícia? Você tem pavor de Antônio Carlos Magalhães ou é do time que não pode ouvir o nome de Lula? Chora quando pensa em ser seqüestrado ou na hora de receber o contra-cheque, temendo que o tal banco de horas te impeça de pagar o aluguel?

Acabo de rapidamente visitar um desses dicionários online e descobri que medo era o nome dado a um habitante da antiga Pérsia. É também "terror, receio, susto". Nada mais subjetivo. A gente não conhece um negócio, tem medo. Conhece, às vezes, até piora. E porque as pessoas têm fobias diferentes?

Sei que, como mecanismo de defesa, o negócio funciona. A criança que tem medo de fogo não se queima. Mas a parada pode atrapalhar bastante. O cara que tem pavor de levar chifre fica tão chato que acaba levando. O medo de barata quase fez meu pai bater com o carro.

Em algumas ocasiões, não faz nem bem nem mal. Vira até história engraçada. Quando eu era pequeno, não podia ver um velho cangaceiro que vendia coxinhas na praia de Casa Caiada, em Olinda. Também chorava quando via palhaço, mulher feia ou um calango que vivia no carro-de-mão do ambulante responsável pelo fornecimento de macaxeira lá de casa.

Depois, devidamente orientado pela família, passei a ter medo de maconheiro. Perto da casa da minha avó tinha um bar meio alternativo. Dona Aylea desconfiava que os freqüentadores curtiam o cigarro que passarinho não fuma (copyright by Zé Teles). Na vizinhança, apenas nos referíamos ao estabelecimento como "Bar da Maconha". Não se passava nem na porta.

A canabisfobia se baseava (com trocadilho) em nada. A gente não sabia se os caras iam partir para a agressão ou mesmo nos forçar a fumar a tal erva demoníaca que fazia com que os viciados espancassem os pais e fossem morar na rua.

É difícil explicar os porquês de cada medo. O de fantasma é feito o de cabeludo. Alma machuca? Que eu saiba só a versão 'sebosa' encontrada principalmente em Brasília. Morto-vivo pode matar alguém? Roubar a sua carteira eu sei que não vai. Também não vai aumentar os impostos nem tomar sua namorada. E a pobre e nojenta barata de Ivanzão? Com certeza não estava tentando um sequestro-relâmpago.

Ivan Moraes Filho é escrevedor, talvez por medo de ser esquecido. Talvez não.

Desejo, necessidade, vontade...

A gente precisa de pouca coisa para ser realmente feliz na vida. Uma cama boa pra dormir – sozinho ou acompanhado. Comida gostosa na mesa antes de a barriga reclamar com um ronco. Beijo molhado quando a língua se encontra seca e uma privada limpinha por perto na hora de fazer xixi.

Se a garganta pedir, dois copos de mineral (sem ser gasosa) resolvem o problema. Se a mente pedir, uma cerveja bem gelada, por favor. E dois copos americanos. Pode ser da Imbasa. Desde que limpos.

Todo homem gosta de receber massagem nas costas e de fazer carinho nas pernas das meninas. Fica arrepiado quando sente a gatinha respirando na nuca e fica passando a língua na boca pra sentir o gosto do batom de morango que a menina deixou antes de ir embora.

As mulheres necessitam de um bom papo e procuram homens atenciosos. Exigem carinho antes, durante e depois do sexo. Recebem flores e poemas de amor com prazer, mas nem sempre correspondem aos desejos de quem os escreve. Quando sabem o que desejam.

Rapazes gostam de cuecas que propiciem conforto. Sabem que as ceroulas deixam o “mocinho” mais soltinho, mas causam problemas quando se quer botar o danado para a esquerda, como aprenderam com os pais e amigos. A maioria das garotas conhecem esses costumes estranhos.

Os marmanjos adoram renda, mas poucos procuram informar-se para entender o motivo pelo qual as gatas preferem as tangas com tirinhas dos lados (sem apertar, marcar ou aparecer quando se usa as tais saint tropez).

As pessoas precisam de paz. Sabem da impossibilidade de viver – bem – sem algum tipo de afeto.

Mesmo quem odeia ler pode gostar de letrinhas e palavrinhas se por acaso alguma coisa interessante lhe saltar aos olhos. Que tal um texto no idioma que se fala no Brasil. Sem acentos ou cedilhas?

Ivan Moraes Filho escreve e tem brigado bastante com um computador ignorante

Parabéns para mim

Ei! Quando você estiver lendo este texto eu devo estar comemorando meu aniversário. Adoro aniversários. Principalmente os meus. Mesmo sendo contra essa história de ficar mais velho todos os anos, acho fantásticos os rituais e celebrações que compreendem o dia em que você nasceu.

A começar pelo “parabéns”. A turma chega pra o aniversariante e diz: “parabéns!”. Vê que coisa maravilhosa. Você não fez nada de extraordinário. Não passou no vestibular, não conseguiu um emprego melhor, não anunciou que vai casar ou ter um filho. Não tirou na Sena. Nem sequer marcou um golaço (que o feladaputa do juiz anulou) na pelada da segunda-feira. Simplesmente viveu mais um ano.

Foram 365 dias (ou 366) que você passou driblando epidemias de dengue, aids, acidentes de carro, assaltos, seqüestros, ataques terroristas e namoradas ciumentas. Viver não é brincadeira. Acho mesmo que nos dias de hoje escapar ileso por doze meses merece festa. Mesmo assim, a idéia de ser parabenizado pelo simples fato de existir nesse mundo faz meus olhinhos quase fechados ficarem brilhando de alegria.

Tem gente que manda imeiu, gente que você nunca vê, mas que dá um jeito de ligar pra tirar uma ondinha e soltar aquelas gracinhas manjadas feito “juízo, hein, cara” ou “como é? Tá se sentindo mais velho?”. Tem umas que são características de cada idade. Os que completam 18 anos de idade são campeões em ouvir “Aí, campeão... Já pode ver filme de sacanagem!” e os que fazem 24 sofrem com os “Idade perigosa, hein?” Aos quarenta as brincadeiras mudam para “Entrou nos ‘enta’, lascou-se”. Não é lindo?

Talvez por causa disso eu não mudo mais de idade. Há alguns anos venho soprando 21 velinhas. Gostei do número. Dá pra você ter todos os privilégios da maioridade sem precisar virar adulto. Tenho minha carteira de motorista, autorização pra viajar sozinho e posso beber até nos Estados Unidos. O que mais devo querer da vida?

Algumas pessoas, especialmente mulheres, adotam táticas um pouco diferentes. Quando não congelam a idade, fazem com que “trinta-e-poucos” virem até “trinta-e-nove” (quando não “trinta-e-doze, trinta-e-treze...”). A mãe de um amigo meu chegou aos 50 e começou a contar regressivamente. Morreu aos 35, sem perder a pose.

Ivan Moraes Filho é escrevedor e gêmios, mas não sabe direito o que isso quer dizer.

Onde é o Brasil?

Vi o Brasil ser penta numa cidade chamada Newark, num estado que nao fede nem cheira chamado Nova Jersey, num pais estranho chamado Estados Unidos da America. Vi o Brasil ser penta no Brasil.

Na gandaia desde a tarde do dia anterior, nao-sei-como pus os pes nesse lugar. Sinceramente, nao sei em que estado sai do trem e fui encaminhado por amigos. Ruas vazias denunciavam que ainda era cedo demais para um domingo. Numa barraquinha de cachorro quente, quatro gatos pingados assistiam ao sufoco da Canarina numa televisao do tamanho de um radio. Era so o “chamariz”.

Entrei num galpao escondido que soh a casa do meu amigo Marcelo Bilunga e percebi um monte de gente vestido de amarelo, sentado num chao imundo, observando um telao gigante em que 22 camaradas corriam fazendo caras e bocas, ao som de um insano comentarista espanhol.

Num periodo de dois gols, eu nao conseguia ver a diferenca entre aquele local e uma comunidade na Muribeca. Se aquilo nao era o Brasil, eu cegue.

Apito final, a multidao ganhou as ruas. Carros buzinando, roda de capoeira no meio da rua, pessoas berrando e a policia de olhos azuis atordoada, sem entender nada do que estava acontecendo. Num palco, uma banda horrivel maltratava cavaquinhos e pandeiros, mas ninguem dava a minima. Galegos rebojavam enquanto morenas enchiam a cara da cerveja paga em dolar.

‘A medida em que os musculos iam pedindo penico, um ou outro se distanciava. Mais na frente, cruzava com um compatriota reconhecido pela camisa amarela ou pelo brilho nos olhos. Apenas sorria, cúmplice, como quem diz: “Eu sei o que voce fez a noite toda. Eu sei que voce e penta. Parabens”. E passava.

Esperando pelo trem, percebi pela primeira vez que nao estava exatamente na terra de painho e mainha. Um casal curioso pergunta num ingles perfeito:

- O que significam essas cores?

Eu ja estava no meio daquela aula de OSPB onde me ensinaram que o verde significa as matas, mas percebi que a pergunta era bem mais abrangente.

- Sao as cores do Brasil, ora.

- Brasil? Ah, sim...Hoje eh algum feriado nacional? Um dia especial?

- Cara! Ganhamos a Copa do Mundo! Batemos a Alemanha por 2x0 com gols de Ronaldo, artilheiro da competicao com oito gols!!!

- Ah...Soccer, ne?

- E’...Soccer...

Baixei a cabeça cansada e meditei. “Pai...Perdoe-os...Eles nao sabem o que dizem...Nem onde estao”.

Ivan Moraes Filho e’ escrevedor e conheceu um cara que viu Romario em Eindhoven (Holanda) durante a Copa do Mundo.

Você conhece o Mário?

Duas pessoas acabam de ser apresentadas. Não demora e já começa o jogo do “você-conhece”. De alguma forma, acredita-se que o fato de conhecer pessoas em comum vai tornar a conversa mais agradável. Pelo menos, mais fácil.

“Ah, quer dizer que você trabalha nas Casas Figueirinha... Conhece o Jorge?”

“Contas a pagar ou crediário?”

“Rapaz...Nem sei...Acho que é do RH. Jorge Araújo.”

“Ahhh....Graande Jorgito! Porra, é mesmo que ser meu irmão, cara! Todo mundo adora o Jorgito!”

“Poisé...Eu também conheço”

E por aí vai. Cada um joga um nome na roda e a brincadeira segue até que a cerveja esvazie e alguém interrompa para pedir ao garçon que pelamordedeus reponha a gelada.

“Mestre, manda mais uma Brahma da Antártica (Você também acha que Vicente Mateus profetizou a fusão Ambev?) pra meu grande amigo....Qual é teu nome mesmo, cara?”

“Saulo”

“Pro meu amigão Paulo!”

O “você-conhece” é fantástico. Ninguém precisa discordar de ninguém. Os que participam nem têm que dizer a verdade o tempo inteiro. Inventar uma historinha dá mais sabor ao diálogo e também mata o tempo enquanto se pensa em outros nomes.

“Guedes, do Bompreço?”

“Conheço demais! Já fizemos muita farra lá em Pitimbu. Uma vez juntamos uma turma grande e bebemos uns dez litros de Johnny Walker sem se levantar da mesa, ouvindo Reginaldo Rossi e jogando dominó. Anoteceu, amanheceu e a gente continuou ali, na frente do Mira Lua. Bons tempos aqueles...”

“Oxente... Mas Paulinho não bebe uísque...”

“Agora mais não, né, velho. Depois daquela noite eu também corro feito bicho do rótulo vermelho. Heheheh.”

Tem gente que exagera. Não lembro se eu estava em Barcelona ou em Garanhuns. Só sei que foi assim.

“Você é do Recife? Conhece a Maria?”

O pior é que eu acho que conhecia, mas desconversei. Só pela petulância.

No “você-conhece” os participantes só devem ter um cuidado. É de bom tom não falar mal do nome da vez. Pelo menos antes que alguém comece a esculhambar. A idéia é não cair na gafe mais freqüente da história do jogo.

“Marcela, que estudou no Marista?”

“Hehehehe. Quem não conhece a Marcela!? Celinha dava pra todo mundo!! Tirou a virgindade do terceiro ano inteiro em 1991! Diziam que era o melhor boquete do bairro da Boa Vista!! Rapaz... Que lembrança boa... O que será que aconteceu com a Celinha...”

“Casou comigo.”

Ivan Moraes Filho é escrevedor e conhece o Mário.

Cardumes e manadas (ou, “Você conhece o Mário II”)

Feito peixes e elefantes, os seres humanos gostam de andar em grupos. De fazer parte de uma turma, uma tribo, uma galera, uma confraria, uma sociedade, um bloco de carnaval ou um clube de campo. Gostam de relacionar-se e identificar-se com outros indivíduos da mesma espécie e buscam incansavelmente coisas em comum nos bípedes que vivem à sua volta.

Por mais abusados, mal-humorados e radicais que possamos ser, temos a mania de fazer da vida uma busca alucinada pelos nossos semelhantes.

Se gostamos de ouvir rock, procuramos ter amigos roqueiros, para poder sair nos finais de semana e desejar a morte dos cantores sertanejos. Se gostamos de literatura, vamos em busca dos que leram Kafka e Machado, para, juntos, dizer que Paulo Coelho é comercial demais e escritor de menos – mesmo sem nunca ter lido uma obra sequer do Mago de Copacabana.

Na busca por coisas em comum com outras pessoas, muitas vezes apelamos.

“Eu não acredito que você estava num bar em Colônia quando a Alemanha perdeu para a Croácia na Copa de 98! Eu também estava! Rapaz! A gente poderia estar no mesmo bar!”
“É mesmo! Já pensasse?! Que negócio incrível!!”

Não importa que os dois amigos nem se conheciam naquela época. Também não interessa que Colônia é uma cidade grande com centenas de bares. Felicidade é um negócio fácil. Datas natalícias, incrivelmente (ou não), também têm esse caráter socializante.

“Você também faz aniversário em 17 de fevereiro? É um dia lindo, né? (sorriso meio bobo, mas sincero).”

“É! O melhor dia do ano! Aquário...”

“Claaaro! Grande signo.”

Para essa alegria instantânea existe uma margem de erro que vai de dois a quatro dias. E as pessoas cujos nascimentos coincidem nem precisam estar presentes.

“Sua mãe nasceu em 18 de julho? Igual ao cunhado da tia do meu vizinho! Que coisa...”

Procedências? Eu juro que escutei essa conversa entre três pessoas:

“Você é de Nova Iorque? Eu sou Holandês. Nova Iorque costumava ser Nova Amsterdam.”

“Eita! Os holandeses chegaram em Nova Iorque vindo do Recife. Eu sou do Recife!”

“Cara, acho que somos todos irmãos.”

“Eu sabia que te conhecia de algum lugar.”

Ivan Moraes Filho é escrevedor, leu O Alquimista e achou uma merda. Mas ouviu dizer que Brides é bom.

Três é demais, mas eu sei a cura.

Todo dia, daqui do meu exílio, leio jornais brasileiros. Nas últimas semanas, foi impossível não perceber que a manchetes estão sempre iguais, mudando apenas a cotação do dólar. Os sites que ando visitando parecem-se mais com bombas de gasolina nos postos de combustível.

Quando a moeda americana fez o terno, eu pensei. “Legal, pelo menos a conta fica redonda”. Já não aguentava mais aqueles quebradinhos depois da vírgula. Quando pipocou de vez aí eu perdi a paciência. Resolvi investigar, perguntar e pesquisar mais um pouquinho pra saber a razão desse cu de boi todo.

Qual não foi a minha surpresa ao descobrir que a parada toda começou quando um gringo aí falou que se Lula ganhasse a eleição a merda ia virar boné nessa terra abaixo do Equador. (qualquer semelhança com o final dos anos 80 é pura coincidência?). Com isso, aumenta o Risco Brasil, que é um número elaborado por um monte de engravatado que nunca tomou uma capirosca na vida. Quando esse número sobe, um bando de gente que não produz nada (e que a gente chama de “mercado”) espiroca e o dólar sobe.

Depois ainda veio outro cara, que não conhece nem o som do “ão”, dizendo que o FMI esquecesse a gente, porque todo dinheiro que vem pra cá acaba na Suíça. Massa, né? Depois o tal mercado enlouquece de novo e a minha mineral sem gás aqui agora custa uma embriaguês lá no bar de Zé Maria.

Pelo menos foi assim que me contaram.

Analisei, matutei, comi um sanduíche de geléia de morango com manteiga de amendoim e encontrei a saída. De graça (que eu sou bonzinho), vou dar a dica pra todos os presidenciáveis. Precisamos de um cargo novo no primeiro escalão. Néelson Rubens, Leão Lobo, João Alberto, Daliana Martins, Paula Imperiano, João Grilo e Orismar Rodrigues seriam sérios candidatos a assumir a pasta do Ministério da Fofoca.

Como o nome já diz, a função da nova figura do Planalto seria plantar notícias (falsas, verdadeiras... Quem se importa?) do quanto é legal investir no Brasil. Inventariáramos ricos investidores americanos ou javaneses que fizeram fortuna mandando rios de dinheiro pra nossas bolsas de valores e comprando nossos fantásticos produtos.

Esses caras podiam ser uns gringos com sotaque bem legal e um sorriso monalísio (vale aquele Serginho, do Big Bróder, lembra? Só tem que cortar o cabelo do moço e botar um Armani legal). Com o patrocínio do ministério e da diplomacia tupiniquim, nossos teriam a função de viajar pelo mundo dando entrevistas à CNN, BBC e Al Jazeera dizendo que Taiwan é legal e tal, mas o que tá na moda é mandar grana pra a Bovespa.

Com nosso talento natural pra enganar esses galegos do zói azul, não dou dois meses pra a gente voltar aos belos índices de 94, quando eu me amostrava pros meus amigos importados dizendo que dava pra comprar um Washington com menos de um Beija Flor.

Ivan Moraes Filho está nos Estados Unidos e fica mais pobre a cada dia – sem gastar nada.

O mundo perfeito

No Mundo Perfeito eu tenho asas. Você pode ficar com a habilidade de tornar-se invisível. Preferi a possibilidade de voar. Nada de pagar passagem pra chegar nos lugares ou ficar aperreado com o trânsito. Quer dizer, no Mundo Perfeito não tem engarrafamento, nem rua esburacada nem ônibus lotado. Eu ia abolir os transportes automotivos, mas meu primo Xande adora bulir com veículos e ler a Quatro Rodas. Vou dar essa colher de chá. Carro pode. Mas no Mundo Perfeito não tem poluição.

Todo mundo escolhe a profissão que quiser no Mundo Perfeito. Escritor, músico, estivador, lixeiro, engenheiro. Não tem essa conversa de status quo ou salário. Técnico de televisão, cantor, médico, pedreiro. Todo mundo ganha igual. Quer dizer, ninguém ganha nada. Não tem dinheiro no Mundo Perfeito. A turma escolhe o ofício respondendo a apenas uma pergunta: "o que você gosta de fazer?" Quem curte ensinar vai ser professor, quem se amarra em desafiar o perigo vira moto-boy. Os que correm atrás são da polícia e os que perferem ir na frente tornam-se ladrões.

Sim, mas é claro que no Mundo Perfeito tem crime. Mas, ora bolas...

Que seja. Sem grana pra ditar a moda e excluir a galera, as compras acontecem num ritual interessante. O trabalhador chega na loja, escolhe o que quer e simplesmente leva. Nada de preencher os papéis do crediário ou assinar o cheque. É só botar na sacola e ir embora. Não sem antes receber uma opinião sincera do vendedor que não vai ganhar comissão nenhuma.

Desse modo, no Mundo Perfeito as grifes vão pro espaço. Aquelas moças que escolheram ser madames não vão querer usar uma bolsa de Fulano de Tauê se souberem que as mulheres que preferiram varrer as ruas podem pegar uma igualzinha na butique. Produto sem qualidade também não vai ter vez, até porque mercadoria boa também sai de graça.

O Mundo Perfeito tem drogas leves e pesadas. Gente curtindo substâncias nos finais de semana e outros empacotando de overdose - para o desconforto dos parentes e amigos. Também vai ter um pessoal fazendo campanha anti-drogas e achando que tudo deveria ser proibido. No Mundo Perfeito gente morre quando faz merda ou quando escolhe. Duvido que muita gente passe dos 100. Viver é bom e tal, mas eu acho que tem hora que abusa.

Obviamente há futebol no Mundo Perfeito. A Copa do Mundo continua de quatro em quatro anos, senão ninguém trabalha. O Brasil ganha na maioria das vezes, mas a gente nunca sabe quando. Perder é bom pra a gente poder falar mal do técnico ou chamar o juiz de feladaputa.

Ah, sim. Quatro estações para agradar todo mundo sem que ninguém fique contente demais.

No Mundo Perfeito, alguns chatos se juntam todos os dias para reclamar. Dizer que a padaria é longe ou que a geladeira está com um barulho esquisito.

Também não pode faltar um grupo de jovens idealistas fazendo de tudo para mudar o mundo.

Ivan Moraes Filho é escrevedor e acha tudo certo.

Os incomodados que se mudem?

Reunioes de condominio e codigos penais estao ai para denunciar o desrespeito a um ditado popular dos mais velhos e mais utilizados. Basta alguem resolver fazer um barulho ou perturbar o juizo de outra pessoa, logo aparece alguem pra reclamar. Quando nao e aquela senhora do terceiro andar pra dizer que acorda-se com o som das pedras de domino sendo colocadas no tabuleiro, e' o vizinho dizendo que vai chamar a policia pra acabar com esse churrasco que soh toca musica baiana.

Todo mundo pensa no incomodado. Na pobre mulher que nao consegue dormir, o homem "de bem" que se sente ferido porque nao suporta "ter" que decorar o refrao da musica nova de Ivete Sangalo. Agora me diga, quem vai defender os interesses da turma que quer jogar domino e gritar "cruzada!?" E quem levanta a voz em favor da turma do terceiro ano que quer aprender a danca do trinco da porta? Ninguem.

Esse desamor eh danado. Porque o direito de dormir ou de nao ver coisas eh mais importante que o direito de ouvir musica alta, falar alto ou tirar a roupa em publico, por exemplo? O que eh prazer pra uma pessoa nao eh necessariamente o mesmo para outra. Ora, talvez um jovem de 18 anos que vah dormir antes da novela das oito me incomode mais do que o que passa a noite inteira na farra. E nem por isso eu tou forcando o moco a botar uma cerveja na mao e ir pra o baile dos Amantes de Gloria.

Faca uma experiencia. Desca na proxima reuniao de condominio no seu predio e tente mudar a regulamentacao do salao de festas. Nas comunidades mais desencanadas, talvez a norma diga para abaixar o som as 23h e desligar de vez antes das tres. Veja que coisa interessante. Fala-se de saude mental. Do quanto pode ser prejudicial para uma pessoa nao conseguir dormir direito uma noite de sono. E a tristeza de se acabar uma festa antes da hora? Nao e' ruim pra a cuca. Aposto que eh. Vou nem pergutar Paulinho porque eu sei que ele vai concordar comigo - e olha que Paulinho pra concordar com alguem...

Nas nossas sociedades cheias de "respeito", os incomodados nao se mudam. Os incomodados reclamam. Enchem o seu saco. Ligam vinte vezes pelo interfone ou descem pessoalmente para tocar na sua campainha e pedir que a festa acabe. Os incomodados, sempre chatissimos, insistem que as leis sejam mais severas e dao escandalo quando alguem acende um cigarro - principalmente do careta.

Os incomodados nao podem ver ninguem se divertindo nem pensam duas vezes antes de encher o seu saco . Os incomodados incomodam demais!

um Ivan Moraes Filho eh escrevedor e incomoda pouca gente.

A chacina começa no quintal

Dia desses, com amigos, fui preparar um canteiro na frente da casa onde moro. Quem entende de jardinagem sabe direitinho como é o serviço. Primeiro passo de todos: "limpar" o terreno. Munidos de enchadas, pazinhas, pazonas e nossas mãos nem tão calejadas, nosso objetivo inicial era deixar a área livre de tudo o que fosse prejudicial a nossos belos girassóis e margaridas. Entenda-se por "tudo" outros vegetais abusados que ocupavam o local.

Ora, não demorei a perceber o que estava acontecendo naquele espaço de 1x4 metros diante do terraço. Ali, eu era o carrasco. Havia-me tornado o poder que oprime as massas. Observe bem o que eu estava fazendo. Eliminando, matando plantinhas nativas verdes, consideradas "feias", para dar lugar às graciosas florzinhas que vinham de outros locais.

Não importava quem chegou primeiro. Nem quem tinha as raízes na terra nem o clima de harmonia que havia entre os vizinhos. O negócio era destruir. Acabar com aqueles matinhos malquistos. Breve, mudas das flores que nasceram em estufa de ouro e receberam nutrientes dos mais caros desde os tempos de semente iriam ocupar o local e não queriam nem sinal daquela vizinhança desqualificada.

Quis interromper a ardilosa tarefa. Tentei dissuadir um companheiro, que tirou opínios do bolso.

- É que esse mato a gente tem muito, cara. Tudo bem que eles chegaram nessa área antes e tal, mas a gente precisa criar um lugar para as flores. A gente olha ao redor e só vê grama, grama, grama. Se elas ficam, vão faltar oportunidades para as margaridas.

O argumento hitleresco não me convenceu. Cruzei os braços. Não poderia participar de uma atividade como aquela. Não sou nem muito dessas coisas de ecologia, mas um absurdo daquele eu não poderia deixar acontecer. Quer dizer, deixar eu deixei. Mas não ajudei. Pronto. Peguei minha limonada e sentei na beira da piscina pra pensar nessa coluna.

Até lá me senti culpado. Enquanto eu saboreava da minha vida confortável da classe média, meus amigos continuavam a chacina dos pobres, fedorentos e feios dessem lugar aos ricos cheirosos e bonitos. Olhei de lado e conversei com uma amoreira. Não fui levado a sério. Mais tarde tentei convencer uma árvore a juntar-se a mim na luta pela preservação da identidade cultural das ervas daninhas. Não me lembro nem do nome da dita cuja (no Recife a turma chama tudo de pé de pau), mas sei que ela não moveu um galho. Ficou lá, parada, me olhando, como se eu fosse doído.

Pensei (olha o perigo!) novamente: "Como são desunidos esses vegetais."

Ontem passei na frente do jardim e um desconhecido elogiou.

- O jardim está lindo.

- Muito obrigado - respondi.

Ivan Moraes Filho é escritor e acha que as plantas precisam olhar um pouco para os canteiros do Oriente Médio.

Quem cedo madruga, fica cansado o dia inteiro

Triiiiiim!!!! Mais uma vez o despertador tocou antes da hora. Quer dizer, exatamente as 7h30, como eu o tinha programado. Impossível, porém, calar essa pulga atrás da minha orelha incomodada dizendo que os ponteiros estão correndo demais. Assim como nascer, acordar é uma violência. As vítimas somos nós, mesmo depois de esmurrarmos o botão "soneca" pela décima vez. Já quebrei tantos desses relógios que agora só uso do baratinho, que normalmente aguenta o baque.

Ainda procurando me situar no espaço-tempo, ando em direção às outras pessoas que, devidamente acordadas, insistem em me ver como um extraterrestre. Olhos colados de remela e um andar de baiano em quinta-feira de cinzas me denunciam à distância. Não, eu não gosto das manhas.

Resolvi prestigiar um desjejum (ve que palavra interessante...) preparado por um amigo. Olhei para o suco de laranja e pensei em tudo, menos em bebê-lo. Os sonhos da noite anterior ainda povoavam minha cabeça e eu fazia de tudo para poder voltar ao limbo onírico do qual nunca deveria ter saído.

Por mais que as relações de trabalho e interação social estejam mudadas nesses tempos pós-internet, ainda existe um preconceito quase que maldoso contra nós, que preferimos o céu escuro ao claro. Em certas rodas, admitir publicamente que não se abre os olhos antes que a casa das horas tenha dois dígitos é um sacrilégio. Melhor dizer que já cheirou po no banheiro da igreja.

No início dos tempos, antes da energia elétrica, a co-dependência entre produtividade e capacidade de se acordar com o galo realmente existia. O argumento também vale para aqueles que vivem da terra, nos grotões do mundo. O camarada que se levanta com o sol tem mais tempo para plantar, colher ou tirar leite da vaca. Anoteceu, hora de ir dormir pra se estar tinindo no dia seguinte. A ligação entre o meio rural e o ato de se acordar cedo fez meu radical amigo Humberto Santos chegar a uma conclusão nada careta. "O homem civilizado não pode acordar e ir dormir no mesmo dia."

Para se estudar, ler, elaborar projetos ou interagir com pessoas de maneira competente não precisa ser amigo do sol. Os dedos que digitam esses textos à uma da manhã não precisam do Astro Rei pra nada além de fornecer energia e vitamina D. Os ditados populares são interessantes e tal, mas não os troco por uma boa noite de sono.

Ivan Moraes Filho e adora ver o sol nascendo. Quando volta da farra.

Lágrimas

Eu não ia escrever sobre isso. Queria que passasse batido, sem muita atenção e tal. Um dia como qualquer outro. Acabou-se. Não interessa aos meus 12 leitores nem a mainha, que voltou a jurar assiduidade à coluna. Mas todo mundo deu pitaco. Falou o que sabia e o que não sabia. Soube que até Graça Araujo fez enquete sobre isso. Então, lascou. Assim como 90% do que foi escrito e dito sobre o primeiro aniversário da chuva de aviões em Noviorque, esse texto é fraco, limitado e preconceituoso. Mas, querendo ler...

Onze de setembro foi um dia interessante. Aqui na terra de Tio Bush, principalmente. A televisão passou o tempo inteiro mostrando as imagens do atentado terrorista do ano passado. Quando não eram as torres caindo, era o presidente dizendo que ia botar pra quebrar com barbudos e/ou bigodudos. Muita emoção, efeito especial, hino nacional, bandeiras pra todo lado. E, claro, lágrima. Lágrima dá ibope. Eu adoro o showbiz.

No rádio, a programação parava para momentos de silêncio a cada meia hora. Secretamente, eu achava massa, porque a quantidade de porcarias que toca aqui deixa qualquer Transamérica com cara da velha 89FM. Os locutores, emocionados, anunciavam onde seriam as missas especiais e soltavam reportagem do Marco Zero (como agora é conhecido o buraco onde ficavam as duas torres), do Pentágono ou do local onde caiu o quarto avião, na Pensilvania, que virou ponto de romaria. Os pouco mais de 3 mil mortos nos atentados viraram padres cíceros gringos. Sem precisar de hostia sangrando nem nada.

Aeroportos, estações de trem e estacionamentos de bicicleta estavam em alvoroço. Alerta laranja, como chamam. Todo mundo olhando pra cima com medo de um 747 desgovernado. Exatamente como a turma do terror queria.

Sem brincadeira, impressiona ver um país se unindo para lamentar as desgraças que sofreu. Melhor ainda observar um e outro que estudam a tragédia e procuram tirar lições mais profundas do que desejar a morte de qualquer um que tenha cabelo demais no rosto.

Não pude deixar de pensar em outras nações. Vi o povo do sul da África escolhendo um dia para chorar os seis mil irmãos que perdem todos os dias para o HIV. Pensei no Brasil, parando para contar quantas crianças vivem - e morrem - nas nossas ruas. Imaginei a dor de um palestino querendo voltar para a casa, em Israel. Igualzinho ao judeu que tem medo de sair na rua e encontrar um homem bomba no meio do caminho.

Percebi que nada disso vai passar na CNN.

Ivan Moraes Filho é escrevedor e entende choro. Mas prefere chorinho.

Uma palavra da porra

Outro dia li um texto de Millor Fernandes sobre palavrão. O dito cujo me chegou pela internet, num ímeu da minha grande amiga Juliana Hip. Dizia que era a minha cara. E era. A crônica, maravilhosa, defendia o uso dos termos chamados de “baixo calão” e glorificava o intenso significado de termos fantásticos quanto “nem fudendo” ou “va tomar no seu cu”. Só acho que faltou uma menção ao mais comum de todos. Não acho justo que se fale destas palavras tão especiais sem que se dedique um parágrafo ao “porra”. Vou dedicar um texto.

Sim. Porra significa esperma. Aprendi isso durante a adolescência, anos e anos depois de incorporar a palavra no meu vocabulário cotidiano. Fui agora num desses dicionários online da vida e me disseram que era “porrete” ou apenas uma interjeição. A verdade é que no português “bem dizido” das ruas, porra é tudo (“essa porra toda”). Ou nada (“porra nenhuma”). Ouvi dizer que no Nordeste do Brasil, porra é vírgula. Seria subestimar o alcance do vernáculo.

O camarada está dormindo. Toca o despertador. Imediatamente o grito forte, a pronúncia rápida, rispida: “Porra”. Seria o mesmo dizer “Eu não acredito que já são tantas horas e eu preciso ir trabalhar. Realmente eu preferia continuar dormindo”. O mesmo moco toma banho, sai de casa e, na primeira esquina, cruza com uma moça bonita. Ela passa, ele olha para a bunda dela e diz um longo e pensativo “pooooorra”. Leia-se: “meu Deus do céu, que menina linda. Se ela olhar para mim, eu a peço em casamento na hora”.

Porra pode ser vocativo (“Ei, porra, bora para a festa!”). E pode ser locução adjetiva (“porra de festa...tô com sono, porra”). Também é número (“um porrilhão de dólares) e serve para denotar espanto (“tá com a porra” ou “deu a porra”), ênfase (“quem porra é esse cara”), frustração (“pooooorra, eu pensei que ia receber aquele aumento), e até alegria. O centroavante que marca um gol e berre “porra!”, na verdade está querendo dizer “Fiz um gol! Fiz um gol! E aí, torcida? Quem vai dizer que eu sou perna de pau agora? Fiz um gol! Fiz um gol!”. Cinco letrinhas...

Dominar o uso do “porra” não é tão fácil quanto parece. Recentemente, estive dando aulas de português para seis gringas maravilhosas que estão no Recife agora. Fiz questão de dedicar algum tempo para explicar que “um filme da porra” é completamente diferente de “uma porra de um filme”. Quando não se sabe ou não se quer pensar numa palavra, o uso do porra é permitido em algumas ocasiões mais informais “Ei, velho. Me dá essa porra aí”. Nesse caso, “porra” pode ser um alicate, um martelo, um saleiro ou até porra, se a discussão estiver acontecendo numa clínica de fertilização.

Eita palavrinha da porra...

Ivan Moraes Filho escreveu essa porra em meia hora numa porra de uma biblioteca pública.

A coluna continua

Arrumar as malas é preocupar-se com tudo. Da escova de dentes à cueca. Saber se aquela camisa estampada ainda serve e separar os casacos que podem ser utilizados. Escolher a trilha sonora ideal para os momentos de solidão e de festa e colocar os cds na mochila pequena. Camisinha para os dias de sorte, uma aspirina e um vidro do inovador Sanativo em spray para os dias de azar. Arrumar as malas fazer de tudo para não esquecer nada. E saber que vai esquecer alguma coisa de qualquer maneira.

Despedir-se é lutar para fugir de um coma anunciado. Beijar as pessoas como se não fosse acontecer de novo. Dar um valor danado a sentar na própria privada e perceber que já decorou algumas páginas daquela revista que insiste em não ser jogada fora. Tomar um gole de cerveja com lágrima. Morrer de medo de ser esquecido e mentir dizendo que está tudo bem. Despedir-se é morrer um pouco mais que num orgasmo e um pouco menos que num caixão. E é foda.

Embarcar é fazer o check in e torcer para que as malas não ultrapassem o peso que a moça da agência falou. Levar uma caixinha de tic tac e botar na boca na subida e na descida, pra o ouvido não doer. Comer a quentinha do avião e guardar o saco de amendoins no bolso. Apertar o botãozinho da aeromoça e pedir cerveja só pra dizer que bebeu de graça. Embarcar é desesperadamente tentar dormir para ver se chega logo. E não conseguir.

Deixar é sentir-se um pneu que começou a esvaziar procurando por um posto de gasolina com bomba de ar comprimido. Adquirir um gosto pelas fofocas e acabar sabendo coisas que as pessoas só dizem a quem está longe. Em menos de uma tarde, tornar-se o melhor amigo de outro só. Deixar é querer voltar correndo. E ficar porque quer.

Viajar é conhecer coisas, lugares, cheiros e gentes. Pensar um pouco mais ou um pouco menos. Ter sensações táteis diferentes. Novos gostos. Eu vejo, eu ou o, eu falo. É perceber que nem a água desce pelo ralo do mesmo jeito. Pôr um pouco de caos na ponta da língua, só pra saber se gosta. Viajar é físico, químico e biológico. E não é nada disso.

Ivan Moraes Filho foi, mas volta.